

# A POLÍTICA CULTURAL E A CRISE

SEVERINO FRANCISCO

O **Jornal de Brasília** convidou o secretário de Cultura da Presidência da República, Sérgio Paulo Rouanet, e a secretária Municipal de Cultura de São Paulo, Marilena Chauí, para responder a três perguntas: 1. Como vê a crise das ideologias em relação à produção de arte atual? 2. No Brasil tem sido praxe desligar o projeto de desenvolvimento do projeto de cultura. É possível pensar o desenvolvimento econômico sem pensar a cultura? 3. Como fica a cultura no Brasil num momento de desagregação política e culto do mercado?

## SÉRGIO PAULO ROUANET



1. Não vejo crise das ideologias, e sim o surgimento de uma nova ideologia, a de que as ideologias acabaram. O fim das ideologias tinha sido decretado desde os anos 50, com um ensaio do mesmo nome escrito pelo sociólogo Daniel Bell. Os 30 anos seguintes só fizeram mostrar que esse atestado de óbito tinha sido, pelo menos, prematuro. Dizer que as ideologias terminaram é dizer que a humanidade se guiará doravante apenas pela razão e pela ciência, o que é desconhecer o condicionamento material e afetivo das representações mentais pelas quais os indivíduos, as classes e as sociedades se pensam e pensam o mundo. Basta ler os jornais para sabermos que a aurora da perfeita objetividade não raiou ainda. Felizmente, porque embora a arte não deva ser ideológica, ela mantém com a ideologia uma relação íntima, não tanto, como para os marxistas convencionais, por ser ela própria parte da ideologia, como porque o trabalho do artista, diretamente ou de uma forma altamente mediatizada, é sempre afetado pelas representações ideológicas vigentes num momento dado. Mas a pergunta não se refere provavelmente à relação da arte com a ideologia num sentido genérico, e sim com uma ideologia específica, o socialismo. Ora, essa vinculação sempre foi problemática. Somente em poucos casos houve coincidência entre uma estética de vanguarda e uma posição política de esquerda, como ocorreu com Breton, Brecht e Adorno. Lukács foi um progressista político e um reacionário es-

tético. No outro extremo, artistas de vanguarda como Yeats, Eliot e Pound foram politicamente conservadores. Se é assim, a crise do socialismo não tem por que significar uma crise da produção artística. A história tem períodos de embriaguez e períodos de ressaca, e os dois períodos podem produzir arte de boa e de péssima qualidade. Com o fim da embriaguez socialista talvez estejamos entrando num período de ressaca histórica, mas é preciso não esquecer que Balzac e Stendhal escreveram depois da embriaguez jacobina, Baudelaire depois da embriaguez de 1848 e Proust depois da embriaguez da Comuna. Em nenhum caso o fim da embriaguez levou ao fim da arte, entre outras razões porque em fases de ressaca histórica a ideologia não desaparece: há um período de latência, de ruminação, em que ela vai sendo substituída ou redefinida, como aconteceu, na Europa, com a transformação do iluminismo revolucionário em liberalismo.

2. Pensar é. Historicamente nem sempre cultura e desenvolvimento estiveram juntas. Por exemplo, a Alemanha subdesenvolvida do século 19 produziu a estupenda cultura do idealismo alemão. Por outro lado, o vigoroso desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, no século passado, não chegou exatamente a produzir uma Atenas americana. Também no Brasil tivemos cultura sem desenvolvimento, no Segundo Reinado, e desenvolvimento sem cultura, durante o governo militar. Mas o que é pensável é uma coisa, e o que é desejável é outra. É claro que cultura e desenvolvimento devem ser interligados. Por isso a

atual política cultural focaliza a questão da cultura na ótica dos direitos humanos, interdependentes por definição. Todos os homens têm direitos culturais inalienáveis — o direito à produção cultural, o direito à memória cultural e o direito de acesso à cultura. Esses direitos se entrelaçam com os direitos sociais, econômicos e políticos. Com isso, desenvolvimento, democracia e cultura se articulam numa estrutura solidária de direitos imprescritíveis.

3. Numa sociedade democrática, só há desagregação política quando o estado de direito e a liberdade civil estiverem ameaçados. Ora, nunca houve no Brasil respeito mais absoluto pelos direitos civis, principalmente o direito de expressão, e nunca as instituições funcionaram com tanta normalidade. Quanto ao mercado, ele não é objeto de nenhum culto. Contra os que persistem em dizer que temos uma política cultural neoliberal, é preciso dizer e repetir que a cultura não é mercadoria, que não temos e não teremos nunca o fetichismo do valor de troca, e que consideramos o mercado incompetente para determinar que bens culturais serão produzidos e como se dará sua distribuição entre os vários estratos da população.

## MARILENA CHAUI

1. O neoliberalismo econômico e político propõe, no campo das idéias, o pós-modernismo. E o pós-modernismo implica na falência de algumas idéias-chaves do ocidente: a

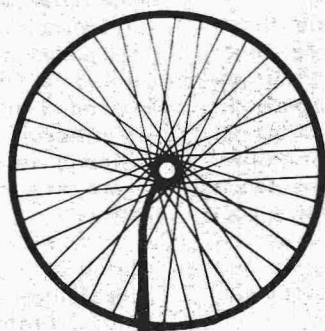
idéia de razão, a distinção entre sujeito e objeto, público e privado, a noção do tempo como **continuum** dotado de significado e a do espaço como permanência. O pós-moderno transformou a aparência em realidade e faz da ilusão a sua categoria principal, reduzindo o tempo à velocidade, o espaço à sucessão de signos e afirmando que só existe o efêmero e o volátil do instante. Com isto o pós-moderno se



torna perfeitamente adaptável à principal forma de constituir o mercado, que é o mercado da moda. A produção atual das artes está acorrentada ao pós-modernismo. Evidentemente corremos o risco de submergir à barbárie se aceitarmos que as artes são destinadas exclusivamente à satisfação dos interesses do mercado e da moda.

2. A tendência à separação está ligada ao fato de que se considera que a cultura se reduz ao lazer e ao entretenimento e, portanto, ela não tem nada a ver com as "questões sérias" das políticas econômicas. Portanto, enquanto não se mudar este conceito de cultura, esta separação permanecerá. Se, entretanto, pensarmos a cultura a partir de uma concepção da cidadania cultural, a cultura aparece como o direito do cidadão ter acesso à informação, aos bens culturais de produção e à participação na gestão dos fundos públicos de cultura. E, ao mesmo tempo, quando a cultura passa a ser definida como um trabalho de superação crítica do existente através da imaginação e da sensibilidade nas obras de arte e da reflexão e interpretação nas obras de pensamento, você percebe que é absolutamente impossível separar condições econômicas e desenvolvimento econômico, condições culturais e desenvolvimento cultural. Cultura é justiça para o cidadão porque ela resulta de uma justiça social decorrente do funcionamento da economia. Não há como separar as duas coisas.

3. A desagregação política e o culto do mercado andam juntos. Porque o projeto neoliberal veio para enfraquecer todo o campo das instituições públicas e para enfatizar todo o campo das instituições privadas, de tal modo que a desagregação institucional da política caminha junto com o fortalecimento das leis de mercado, na medida em que passa a esperar do mercado que ele opere como organizador, regulador e controlador das relações sociais. No caso da cultura, ao se submeter às leis do mercado, ela se submete a uma lógica e a uma dinâmica profundamente voltadas para o consumo e contrárias à lógica básica da criação. O tempo da criação cultural é mais lento e experimental do que a lógica da velocidade do consumo. Além disso, você espera da criação cultural que ela seja capaz de mudar o comportamento dos símbolos. E ela perde esta capacidade quando está submetida à lógica do mercado.



R O D A  
V O D A  
O O X I D O  
O V H O D O